

O cultivo da liberdade na Pedagogia de Tolstói

Luciana Fernandes Teixeira¹

RESUMO

O escritor e educador russo *Lev Nikolayevich Tolstói* (1828-1910), ao elaborar concepções e práticas para a instrução popular de seu tempo e criar uma escola rural em Iasnaia Poliana, local de propriedade de sua família, onde também residia, na Rússia, deixou impressionante legado ao campo da educação escolar de todos os tempos. A exposição desse rico ideário educacional e subsequente trabalho pedagógico constitui o principal alvo do presente artigo. Dessa maneira, em contraponto aos tradicionais métodos escolares opressores e especialmente relacionado ao pensamento libertário anarquista, as reflexões e experiências pedagógicas de Tolstói expõem uma concepção educativa de ampla feição humana, ética e cultural, desvelada numa busca e realização educacional contra os constrangimentos da inteligência e da criatividade, especialmente direcionada ao desenvolvimento infantil e juvenil. Uma concepção educativa reconhecida, sobretudo, a partir dos textos pedagógicos de autoria do próprio Tolstói, bem como através de seus métodos e processos educacionais aliados à ideia de proporcionar uma formação escolar compatível com as melhores potencialidades humanas.

Palavras-chave: Educação libertária. Tolstói. Escola Iasnaia Poliana.

The cultivation of freedom in Tolstoy Pedagogy

ABSTRACT

The Russian writer and educator Lev Nikolayevich Tolstoy (1828-1910), to develop concepts and practices for the popular education of his time and to create a rural school in Iasnaia Poliana, property location of his family, where he also lived, in Russia, left impressive legacy to the field of education of all time. Exposure of this rich educational and pedagogical work subsequent ideology is the primary focus of this article. Thus, in contrast to traditional school methods oppressors and especially

¹ Mestre em Educação. Docente na Rede Pública de Ensino da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo (Professora na Sala de Leitura) e Docente do Curso de Pedagogia da União das Faculdades dos Grandes Lagos – UNILAGO. E-mail: luftex@gmail.com

related to the anarchist libertarian thinking, reflections and pedagogical experiences of Tolstoy expose an educational conception of broad human form, ethical and cultural, unveiled a search and educational achievement against intelligence constraints and creativity, especially targeted at children and youth development. An educational design especially recognized from the pedagogical texts authored by Tolstoy himself as well as through his educational methods and processes together with the idea of providing an education consistent with the best human potential.

Keywords: Libertarian education. Tolstoy. School Iasnaia Poliana.

En el cultivo de la libertad Tolstói Pedagogía

RESUMEN

El escritor ruso Lev Nikolayevich y educador Tolstói (1828-1910), para desarrollar conceptos y prácticas para la educación popular de su tiempo y crear una escuela rural en Iasnaia Poliana, ubicación de la propiedad de su familia, donde también residía en Rusia, a la izquierda impresionante legado en el campo de la educación de todos los tiempos. La exposición de este rico trabajo posterior ideología educativa y pedagógica es el objetivo principal de este artículo. Por lo tanto, en contraste con los métodos tradicionales de la escuela opresores y especialmente en relación con el pensamiento libertario anarquista, reflexiones y experiencias pedagógicas de Tolstói exponen a una concepción educativa de amplio forma humana, ética y cultural, dio a conocer una búsqueda y el logro educativo en contra de las restricciones de inteligencia y la creatividad, especialmente dirigido a los niños y el desarrollo juvenil. Un diseño educativo especialmente reconocido a partir de los textos pedagógicos escritos por sí Tolstói, así como a través de sus métodos y procesos educativos, junto con la idea de proporcionar una educación coherente con el mejor potencial humano.

Palabras clave: Educación libertaria. Tolstói. Escuela Iasnaia Poliana.

Introdução

Reconhecido mundialmente como um dos mais importantes escritores de todos os tempos, o russo *Lev Nikolayevich Tolstói* (1828-1910) trouxe contribuições extraordinárias para a área da educação

escolar, através de pensamentos e práticas pedagógicas voltados a uma educação para a liberdade. Criou uma escola para camponeses em 1859, chamada Iasnaia Poliana, de mesmo nome e localidade da propriedade de sua família, onde vivia, bem como apresentou suas concepções educacionais através de suas obras pedagógicas reunidas.

Na escola Iasnaia Poliana o professor não poderia ser uma figura autoritária e aprender deveria ser uma diversão. Mais do que ensinar a ler, a escrever e calcular, fundamental era educar para libertar. A criatividade e a espontaneidade dos alunos eram estimuladas através de uma proposta educativa igualmente criativa e inovadora.

O presente artigo tem como objetivo básico apresentar um panorama das principais ideias educacionais de Lev Tolstói, realizar uma mostra de suas formulações pedagógicas colocadas em ação através da experiência escolar realizada em Iasnaia Poliana, bem como traçar paralelos entre sua vida e obra. Não obstante, colocar em análise e debate não apenas as questões acerca da atualidade desse importante legado educativo, mas também do caráter construtivo, igualitário, libertário e humanista de suas proposições. Uma educação vanguardista e visionária tão necessária à formação humana integral em sua expressão mais vital.

Breve biografia de Tolstói: do anseio pelo aperfeiçoamento ao anarquismo cristão

Tolstói nasce em 9 de setembro de 1828 em Iasnaia Poliana, uma pequena aldeia Russa de propriedade de sua família. De origem nobre, recebe o título de conde. Ficando órfão de pai e mãe já na primeira infância passa a ser criado por tias e sua educação realizada por preceptores.

A ideia de aperfeiçoamento, tanto intelectual, quanto pessoal e moral, considerada o conceito chave de toda a sua vida, já pode ser encontrada em sua juventude. Entretanto, inicialmente Tolstói demonstra uma intensa preocupação em obter prestígio diante da elite da sociedade russa. Portanto, o aperfeiçoamento, nesse período aparece acompanhado do seu desejo de fama e sucesso.

A preocupação ética ganha maior relevância na vida de Tolstói a partir do momento em que dúvidas constantes acerca de suas atividades de escritor e crítico literário se acirram, quando questionamentos morais acerca do certo e errado em seu trabalho passam a incomodá-lo. E, aos poucos, a preocupação com a finalidade do progresso, do

desenvolvimento social e cultural da Rússia, bem como com a instrução popular passam a se impor em sua vida.

Em dado momento vê-se então completamente tomado pela questão: que sei eu e que devo ensinar? E inclinando-se à ideia segundo a qual os artistas ensinam inclusive inconscientemente, passa a considerar-se um artista, aquietando temporariamente suas angústias existenciais, assim como aquelas relativas ao desenvolvimento de suas atividades literárias e sobre se seu trabalho produz realmente algo instrutivo ou não (ZWEIG, 1961).

Em 1852 inicia tentativa na carreira militar. Por ser de origem nobre recebe o posto de oficial. Porém, extremamente decepcionado e horrorizado com os conflitos bélicos de seu país, em 1857, troca definitivamente o exército pelas letras. Nesse mesmo ano faz longa e produtiva viagem à Europa, passa por vários países, onde entra em contato com grandes pensadores e intelectuais da época, obstinado, na tentativa de acertar os rumos de sua vida e encontrar resposta aos seus questionamentos, mais íntimos.

Na Europa, confere atenção especial também às novas experiências em matéria de educação. Influenciado desde a adolescência pela obra de Jean Jacques Rousseau, acredita que a função da educação seria aprimorar o caráter humano, através da educação moral e da autodisciplina.

Ao retornar à Rússia empenha-se nas atividades educacionais, cria a escola Iasnaia Poliana em 1859, destinada aos camponeses de sua região natal, produz ele mesmo os materiais de estudos e realiza o treinamento dos professores. Também dá início à edição mensal de uma revista com textos e artigos relativos à pedagogia, aos problemas gerais da educação popular, assim como apresenta ao público as experiências educacionais realizadas em sua escola.

O ativismo político pedagógico de Tolstói era abrangente. Reprovava o isolamento da Rússia, na Ásia, favorável à sua aproximação com a Europa; criticava a opressão imperialista russa sobre os povos vizinhos, reprovava a monarquia e também a servidão do povo; males cuja supressão acreditava depender de um efetivo desenvolvimento social, econômico e cultural da nação. Até então a Igreja Ortodoxa russa ainda não era considerada como um mal a ser combatido.

Uma tranquilidade relativa aos resultados de suas atividades não se mantém de forma duradoura, pois novamente se vê insatisfeito

com seu desempenho profissional. Ao mesmo tempo, de maneira extremamente brutal, ocorre o fechamento de sua escola pelo Czar russo, em 1862, justamente por sua proposta pedagógica inovadora.

Tolstói casa-se em 1862 com Sophia Andreievna Bers, com quem teve 13 filhos. Inicialmente, dedica-se intensamente a vida familiar e às atividades literárias, ainda que num casamento extremamente conflituoso. Uma fase de aproximadamente quinze anos bastante produtiva, em que escreve as obras *Guerra e paz* (1864/69) e *Ana Karenina* (1873/77), que o tornam reconhecido mundialmente (LUKÁCS, 2000).

Com o passar dos anos uma inquietação incessante volta a tomar conta de seu ser e torna-se verdadeira obsessão sua busca pelo sentido da vida. À pergunta: que significado tem minha vida no tempo, na causalidade e no espaço; cuja nenhuma resposta o satisfaz, deixa-o cada vez mais angustiado, a tal ponto que o faz cessar todas as suas atividades para empenhar-se exclusivamente na busca das respostas às questões essenciais de sua vida (GÓRKI, 1983).

Passa a investigar ardentemente as ciências do homem, pois sendo materialista era no que acreditava até então. Busca igualmente nos filósofos vivos e mortos, e nada que lhe traga plenitude consegue encontrar. Constata que as questões elucidadas pelas ciências e pela filosofia não respondem às aspirações mais profundas de seu ser.

Decepcionado com as ciências e com o pensamento racional, Tolstói só vê uma saída: procurar na religião a resposta para o verdadeiro sentido da vida. Estuda várias religiões, dentre elas o budismo, o maometismo e principalmente o cristianismo ortodoxo, a religião de sua família e a religião oficial de seu país.

Ao ler detidamente a bíblia logo percebe que suas leis e mandamentos eram completamente deturpados pela Igreja, e que não estavam em conformidade com a vontade divina contida no texto sagrado. Desde então passa a interpretar, ele próprio, as escrituras sagradas, chegando a publicar livros a respeito, como *Minha Confissão* e *Minha Fé*, logo interditados pelo governo russo, e Tolstói, conseqüentemente, excomungado pela religião católica ortodoxa russa.

Como revanche resolve firmar sua posição contrária às regras impostas pela Igreja Ortodoxa, realizando verdadeira pregação das virtudes e ensinamentos da Bíblia, por ele reinterpretados, além de atacar o Estado e suas instituições, assim como a centralização da economia

e do poder político pelo governo russo, considerando-os radicalmente contrários as leis divinas.

Como um anarquista cristão pacifista, Tolstói se apresenta inimigo declarado contra a Igreja e o Estado, apoiado exclusivamente nas palavras bíblicas para atacar a propriedade privada defendida pelo Estado, assim como para desmascarar as consideradas falsas regras pregadas pela Igreja e pela sociedade. Realiza viagem a Moscou, entra em contato direto com a miséria da grande massa trabalhadora e como medida de combate à pobreza passa a distribuir esmolas e fazer doações. Logo percebe que esta atitude não resolveria tal problema social e que somente uma verdadeira transformação da sociedade, englobando todo o sistema político, econômico e cultural, seria a solução.

Para Tolstói, a não-violência seria a única prática com conseqüências úteis a todos, sem prejuízos à vida das pessoas, enquanto qualquer prática de violência só produziria mais violência. Considerava que os homens deveriam viver e cultivar fundamentalmente o amor, a igualdade e a solidariedade entre todos.

Tendo vivido profundamente suas inclinações políticas, filosóficas, artísticas e religiosas, Tolstói falece em 20 de novembro de 1910, aos 82 anos de idade. Sua vida, marcada por fortes contradições, inquietações e angústias deixou obra de inegável valor humano, social, artístico, ético e educacional.

O ideário pedagógico de Tolstói

A instrução popular era para Tolstói (1988) elemento imprescindível e fundamental para o desenvolvimento social, para o progresso cultural, político e econômico, assim como para o aperfeiçoamento geral da nação russa. Entretanto, a situação da educação de seu povo era precária, com maioria analfabeta e sem qualquer possibilidade de acesso à instrução numa instituição escolar regular.

Na luta pela expansão e democratização do ensino público na Rússia, Tolstói (1988) enfatizava que a escola deveria se fundamentar na realidade do povo, nas suas necessidades, fazendo uso de seus conhecimentos e mostrando a utilidade que a educação traria para seu viver.

Fiel aos seus ideais pedagógicos criou a escola lasnaia Poliana em 1859, visando, exclusivamente, a instrução popular, sobretudo das crianças, dos filhos dos camponeses.

No ensino praticado na escola, o princípio pedagógico norteador era a liberdade de ação e de expressão, fundamentada em ações educativas não-coercitivas, incentivadoras da criatividade e, principalmente pautada pelo desenvolvimento das características próprias da personalidade infantil.

Como noção fundamental, a educação para a liberdade em lasnaia Poliana não era simplesmente uma aspiração, mas realização de Tolstói pela melhoria do ensino em seu país, expressa nos bons resultados que seus alunos apresentavam, bem como no rico manancial educacional publicado em seus textos e artigos pedagógicos (EGOROV, 1988).

Sua luta pela democratização da educação escolar incluía diretamente o povo, pois para ele era fato constatado que as pessoas “do povo” desejavam instruir-se. Não obstante haver em geral resistência e desinteresse pela educação oficial oferecida pelo Estado. Uma educação, de fato, alheia às necessidades cotidianas, que mais habituava o povo à hipocrisia do que instruía os alunos, incentivando-os a agirem de modo antinatural.

Segundo Tolstói (1988, p. 47)

O estranho estado psicológico a que chamo estado escolar da alma, que todos nós, infelizmente, conhecemos bem, consiste em que todas as capacidades superiores - imaginação, criatividade, compreensão - cedam o seu lugar a outras capacidades, semianormais: a pronúncia de palavras independente da imaginação, a contagem de números em seguida: 1, 2, 3, 4, 5, a compreensão das palavras sem que a imaginação coloque nelas outras imagens; numa palavra, faculdade de reprimir em si as capacidades supremas a fim de desenvolver apenas as que coincidem com o estado escolar: o medo, a tensão da memória e a atenção.

Para Tolstói (1988), a escola comum, em sua organização coercitiva e imposição de atitudes e situações obrigatórias, ao forjar uma maneira de selecionar, transmitir conhecimentos tidos como universais e imprimir todo um processo autoritário, apenas promovia uma aversão à escolarização, principalmente à população trabalhadora, ou à pequena

parte dela que ainda podia ter a oportunidade de frequentar uma instituição escolar.

Para Egorov (1988, p. 11)

Na realidade, L. Tolstói, assim com J. J. Rousseau, dizia que a criança é, por natureza, perfeita, que é um ser ainda não estragado pela pseudo-educação. Pedia aos professores e a todos os adultos para tratarem a individualidade de cada criança com cuidado, não dificultando o seu livre desenvolvimento.

Ante os grandes avanços científicos e a multiplicidade de tendências em que a ciência se ramificava já, na época, Tolstói (1988) considerava inviável a crença numa verdade absoluta e incontestável. Inviável também que alguém ou algum grupo social restrito instaurasse um método educacional fixo e único a ponto de ser aplicado em todas as situações e lugares.

Sobre a história da educação Tolstói (1988) sabia que todos os grandes teóricos da educação que se propuseram a criar um novo modelo de ensino e de escola baseavam-se em critérios individuais, inspirados por ideias que tinham a finalidade de facilitar e favorecer a vida dos homens. Porém, ele, por sua vez, enfatizava que a simples ideia de querer criar um modelo, por diferente ou novo que fosse, já limitaria a ação educativa, considerando que a educação deveria ser algo para ampliar cada vez mais os horizontes do desenvolvimento humano, e nunca para restringir.

Ainda nesse sentido, ressaltava que apesar de todos os esforços de pensadores e intelectuais de diferentes épocas, a educação lhe parecia sempre incorporada de um caráter autoritário, nunca realmente priorizando, na prática, o fator liberdade.

Para Tolstói (1988), a função da escola não deveria ser criar personalidades que aparentassem ter conhecimento, sensatez, polidez e caráter íntegro, sem isto corresponder à realidade cabal. Também para o progresso da nação, seria preciso desenvolvimento, participação e eficiência no trabalho, nunca a simulação destas características. E a instrução deveria estar voltada para a vida do povo, para seus conhecimentos.

De fato, a solução a ser encontrada não era simples nem fácil, porém a consciência da necessidade de uma educação livre e utilitária já era um grande passo no avanço da instrução pública. Enfim, para

Tolstói (1988) uma nação sem um povo instruído não conseguiria nunca alcançar a plenitude e o desenvolvimento tão importantes para o bem viver de toda a coletividade.

A Escola lasnaia Poliana: diretrizes fundamentais do ensino escolar

O método de ensino elaborado por Tolstói (1988) está diretamente ligado ao conhecimento fecundo e à liberdade. Um ensino que deveria necessariamente trazer informações e saberes que melhorassem e aperfeiçoassem a vida das pessoas, e o método de ensino deveria acompanhar a flexibilidade da imaginação e da criatividade dos envolvidos no processo, principalmente no aproveitamento de aspectos naturalmente presentes no comportamento das crianças.

Como princípio pedagógico fundamental havia a valorização da satisfação em aprender, de descobrir algo novo, que toda criança possui naturalmente. Assim, conhecimentos não teóricos, mas práticos e inovadores em suas vidas teriam o poder de criar o gosto cada vez maior pelo saber e aprender.

É na liberdade de escolhas, portanto, que deveria estar centrado o método educacional em lasnaia Poliana. A ação pedagógica não poderia, nunca, se apoiar no controle agressivo e obrigatório, ou mesmo qualquer tipo de controle que esvaziasse o leque de opções a que poderia estar sujeito o aluno. Porque o aluno, ao realizar uma atividade escolar, sem encontrar algum sentido, e sendo obrigado a realizá-la, implicaria na perda de sua liberdade, conseqüentemente em prejuízo fundamental do propósito educacional. Do mesmo modo, na vida, a realização de qualquer atividade, sem significado, resulta em alienação da realidade, situação que só pode contribuir para aumentar a mediocridade dos processos formativos.

Segundo Tolstói (1988, p. 66)

A liberdade é a condição melhor para a aquisição do maior número de noções. A escola priva o aluno da liberdade e, por isso, supondo que lhe dá novas noções, apenas o priva da possibilidade de adquirir, limita-o com as condições escolares.

Em lasnaia Poliana, o método de ensino, assim como o professor, deveria servir de apoio ao aluno, até que este se sentisse capaz de

crescer e evoluir sozinho. Um apoio não para delimitar e restringir o caminho a ser seguido, de modo a tolher a decisão e a escolha que só individualmente podem se realizar.

Todavia, de acordo com Tolstói (1988, p. 140)

O principal meio de aquisição de conhecimentos é a relação direta para com os fenômenos da vida. A relação direta para com os fenômenos da vida exige liberdade total. A escola, o professor e o livro são fenômenos da vida como a casa paterna, o trabalho, a floresta e o céu. Para que na escola se adquira o maior número de conhecimentos, que as relações dos alunos para com a escola e o professor, para com o livro sejam tão livres como as relações desses alunos para com a natureza e todos os fenômenos da vida.

Não obstante, é importante ressaltar que para Tolstói (1988) a liberdade estava sempre dentro de parâmetros lógicos, ou seja, dentro de certos limites. Portanto, cabendo à educação criar os meios para a compreensão desses limites, assim como da relação existente entre as coisas na realidade, para que as escolhas a serem feitas estejam sempre acompanhadas da consciência efetiva e do bom senso, contribuindo para o aperfeiçoamento de todos, enquanto seres humanos possuidores de inteligência e racionalidade.

A prática pedagógica em Iasnaia Poliana

O ensino em Iasnaia Poliana era dotado de muitas características inovadoras e criativas, até para os dias atuais. A flexibilidade, a mudança constante de conteúdos e formas de aprendizagem era o principal componente da prática adotada. O tempo e os assuntos abordados aconteciam de acordo com as exigências, necessidades e problemas apresentados no transcorrer dos trabalhos educativos, e o andamento das aulas podia mudar diariamente, mensalmente ou anualmente.

O conjunto de disciplinas e conteúdos ensinados foi sendo estruturado gradualmente, em conformidade com as necessidades apresentadas pelos alunos e formou basicamente o seguinte quadro: Leitura Mecânica e Gradual, Escrita, Caligrafia, Gramática, História Sagrada, História Russa, Desenho Técnico, Desenho, Canto, Matemática, Conversas sobre Ciências Naturais e Religião.

A escola contava com duas salas de aula e quatro professores. As turmas eram mistas, com meninos e meninas de idades variadas. As aulas começavam às oito horas da manhã e os alunos não precisavam trazer qualquer material escolar, pois encontravam na escola os livros e cadernos que iriam usar. Também nunca precisavam fazer deveres de casa, apenas tinham que trazer para a escola, como dizia Tolstói, “a sua natureza aberta e a certeza de que hoje encontrariam na escola tanta alegria como ontem” (TOLSTÓI, 1988, p. 88).

Geralmente a programação das aulas durava até a hora do almoço, por volta das 14 horas, numa média de 04 aulas por dia, dependendo sempre do interesse e entusiasmo manifestado pelos alunos. Algumas aulas podiam durar muito mais ou então dar lugar a outras que não estivessem estipuladas para o momento ou para o dia. Dessa maneira, a quantidade e a duração das aulas variava muito, dependendo principalmente da vontade dos alunos, que tinham toda a liberdade para pedir uma determinada aula ou outra, como também demonstrar quando estavam insatisfeitos.

As disciplinas do período da manhã eram geralmente Aritmética, Geografia, Gramática e História Sagrada. Quando chegavam, os alunos já iam se acomodando na sala de aula, no lugar onde se sentissem melhor, sentados no chão ou em cadeiras. Às vezes a euforia reinante no começo das aulas era quase incontrolável, porém os professores não os repreendiam, apenas esperavam um pouco até que se acalmassem naturalmente, e o que ocorria é que quando o professor iniciava sua aula todos se aquietavam, mantendo um silêncio e atenção bastante constantes.

Havia um pouco mais de confusão, brincadeiras e gritarias quando juntavam as turmas, nas aulas de Desenho e Religião, pois os professores dessas disciplinas vinham de outras localidades.

Era difícil ocorrer algum incidente relativo à indisciplina em aula, mas quando acontecia não se evitava a repreensão, principalmente se a situação fosse de falta de respeito pela natureza humana. E se em algum momento vigorava uma aparente desordem, esta geralmente era considerada útil pelos professores, porque favorecia as crianças serem mais descontraídas e autênticas. Quando as atitudes dos alunos não eram proveitosas os motivos eram apresentados, assim como explicada a importância de saber quando ficar quietos e atentos, não por motivos de receio da censura ou reprimenda, mas pelo aproveitamento das aulas.

Entre as aulas favoritas das crianças estava a de Desenho, que costumeiramente acontecia ao meio dia, pois os alunos já apresentavam certo cansaço e um pouco de fome nesse horário. Após esta aula as crianças voltavam para casa para almoçar, pois a maioria morava na própria aldeia lasnaia Poliana, somente algumas morando um pouco mais distante, e logo depois retornavam às aulas, raramente deixando de vir à escola.

Durante o ano a escola funcionava apenas no inverno, pois as crianças trabalhavam no verão junto aos pais no cultivo do campo, nos meses de abril até meados de outubro. Contudo, ainda que as aulas acontecessem durante o inverno rigoroso a escassez de faltas era surpreendente.

Entre os alunos camponeses havia inclusive filhos de camponeses ricos, além dos filhos de varredores, caixeiros, criados, entre outros. O que não havia na escola era distinção em relação a qualquer criança, de qualquer meio social.

Os alunos gostavam muito das aulas do período da tarde, de canto e leitura, que provocavam intensa animação e contentamento. As de menor preferência eram matemática e análise, e alguns poucos demonstravam grande interesse por estas matérias.

A possibilidade de expressarem contentamento ou descontentamento durante as aulas, a liberdade de poderem sair ou entrar na escola e nas aulas quando quisessem, funcionava como ótimo indicador do nível de satisfação com o ensino, e também sobre o aproveitamento dos conteúdos. Assim, quando os alunos não demonstravam interesse pelas aulas e conteúdos havia necessariamente uma mudança na orientação pedagógica dos trabalhos.

Quando as aulas duravam até a noite, podendo atingir uma carga horária de até sete horas diárias, com encerramento entre oito ou nove horas da noite, geralmente acontecia nesse período aulas de canto ou de conversas, de leitura ou composição, com prioridade para a descontração, para garantir a participação e a dedicação de todos, nas atividades propostas.

O número total de alunos que frequentava a escola variava entre trinta e quarenta crianças, a maioria meninos entre sete e treze anos, e as meninas entre três e cinco anos de idade. Algumas exceções ocorriam quando, por exemplo, a escola era frequentada por adultos, que, entretanto, não permaneciam mais que um mês na escola, incomodados

pela forma de organização adotada, ou falta dela. Em geral os adultos não conseguiam participar do espírito animado, descontraído e alegre dos alunos.

Tal entusiasmo reinante na escola era alvo da preocupação de muitos pais de alunos, porém não chegavam a tomar atitudes radicais, como impedir os filhos de frequentá-la. E apesar de certo descontentamento face à falta de disciplina rígida e formalidades, da igualdade e liberdade em que viviam as crianças, notavam que seus filhos vinham alcançando considerável desenvolvimento educacional.

Por fim, aos domingos acontecia a reunião de professores para planejar e organizar o trabalho da semana, para integração e troca de experiências que assegurassem o bom andamento da escola.

Algumas das disciplinas e suas características principais

Leitura dinâmica e gradual

Iniciou como complemento do ensino da língua russa e contato com a linguagem literária. Tolstói (1988) considerava os melhores livros os literários, e seu conhecimento indispensável. No começo um aluno lia em voz alta enquanto os outros escutavam, prática que logo se mostrou ineficaz, portanto abandonada, pois que os alunos se acanhavam ao ler em voz alta e não prestavam atenção ao conteúdo lido, preocupados com a pontuação e o acerto das palavras. Os professores consideraram então que quando há compreensão no ato de leitura a acentuação ocorre naturalmente e melhor seria ensinar as crianças a compreender o texto, as palavras e que não apenas balbuciassem frases sem ver nisso nenhum sentido.

A atividade permaneceu com o nome de Leitura Mecânica e Gradual, porém cada aluno passou a escolher o livro que desejava ler. Os que ainda não sabiam ler, sentavam-se com os mais velhos, numa integração entre todos, onde se podia ler com o professor ou em conjunto, em dupla ou sozinhos. Se primeiramente a leitura ocorresse apenas com o auxílio do professor, em pouco tempo já liam, em dupla, ou sozinhos.

Para Tolstói (1988, p. 97)

A relação da palavra com a ideia e a formação de novos conceitos é um processo de espírito tão comple-

xo, misterioso e terno que toda e qualquer ingerência é grosseira, uma força desproporcional que freia o processo de desenvolvimento.

Escrita, Gramática e Caligrafia

As atividades consistiam no aprendizado das letras, na compreensão da escrita e no trabalho com a caligrafia. Primeiramente, as crianças desenhavam as letras num quadro com giz, depois passavam a desenhar num caderno. Adquirida certa habilidade, desenhavam objetos quaisquer, o que lhes viesse à cabeça e escreviam os nomes desses objetos, como num jogo, numa brincadeira. Com plena liberdade, muitas crianças gostavam de pegar o abecedário e copiá-lo, outras de ligar as letras e formar palavras, outras de desenhar, cada uma escrevia, da maneira que desejasse, em letra corrente ou de forma, sem quaisquer imposições por parte dos professores.

Nas aulas de gramática, por maiores esforços feitos não havia o mesmo entusiasmo entre os alunos, os que já dominavam a escrita e possuíam boa caligrafia, no terreno da gramática encontraram muitas dificuldades. Várias tentativas pedagógicas foram feitas, sem alcançar muito sucesso. Jogos, análise sintática, etimologia também não deram bons resultados. Mais significativa foi a atividade “Exercício da Língua”, onde os alunos faziam frases a partir de palavras dadas, versos com determinadas medidas ou então uma brincadeira que se realizava da seguinte maneira: dava-se um substantivo, um adjetivo, um advérbio e uma preposição, um aluno saía da sala e os que ficavam inventavam frases que tivesse algumas destas regras gramaticais, para que o aluno, ao retornar, adivinhasse a estrutura gramatical da frase recitada.

A busca da melhora das atividades gramaticais estava sempre em pauta entre os professores, para uma prática mais satisfatória, para um método de ensino-aprendizagem que criasse, nos alunos, tanto entusiasmo e interesse, quanto o apresentado em outras matérias.

Composições

O trabalho começou com descrições simples de objetos como o pão, a casa, a árvore; porém este formato não despertou grande interesse

dos alunos. Apenas quando passaram a descrever acontecimentos é que a atividade começou a gerar entusiasmo. Os alunos tinham como tema predileto, para as composições, as histórias do Antigo Testamento, escreviam com prazer e depois liam na sala de aula e mesmo fora dela. Para os alunos mais velhos esta era a aula predileta, chegando a alguns deles escrever contos que eram lidos para todos na escola, obtendo grande sucesso entre os demais alunos.

História Sagrada

Com a Bíblia em mãos os alunos sentavam junto ao professor, que começava a contar a história sagrada, dando aos alunos a oportunidade para ajudá-lo. Todos contavam as histórias em conjunto com o professor, o que dava a esta aula um forte caráter de animação e participação.

História Russa

Dado o pouco interesse das crianças demonstrado pela forma tradicional de iniciar o ensino de história através do passado, da história antiga, os professores resolveram mudar e iniciar os estudos a partir dos acontecimentos contemporâneos. Os alunos passaram a se interessar muito mais por esta matéria, a buscar as raízes dos fatos passados e, nesse sentido, do presente para o passado, entender o processo histórico a partir de sua época.

Tolstói explicita assim esse acontecimento (1988, p. 108)

Segundo as minhas observações e experiências, o embrião do interesse histórico surge em consequência do conhecimento da história contemporânea, às vezes em consequência da participação nela, do interesse, opiniões e discussões políticas da leitura de jornais, e por isso, a ideia de começar a história a partir do presente deve ser considerada natural aos olhos de cada professor sensato.

Desenho e Canto

Nas primeiras aulas de desenho os alunos estavam bastante despreparados e mal conseguiam desenhar um quadrado, mas

apresentavam muita vontade de aprender. Não era pedido para fazerem cópias, pois o objetivo era aprender a desenhar com técnica, habilidade, independência e criatividade, e aos poucos as curvas, retas, perspectivas, entre outras noções, foram sendo introduzidas.

As aulas de canto começaram quando dois dos melhores alunos trouxeram para a escola as notas musicais de uma melodia que conheciam. No começo, cantavam alguns acordes acompanhados ao piano, mas as dificuldades encontradas na leitura das notas musicais fizeram muitos desanimar. A solução encontrada foi substituir as notas musicais por números, o que favoreceu o gosto pela arte musical e colocou a aula entre as favoritas da escola.

De fundamental importância na escola, o ensino do desenho e do canto era considerado um direito das crianças do povo. Para Tolstói (1988) constituía um engano recusar ao povo o conhecimento artístico por temor de mudanças na estrutura cultural e social do país, e respondia à questão do acesso ou não à arte da seguinte maneira

Penso que a necessidade de se deleitar com a arte e o serviço da arte está em cada indivíduo, independentemente da raça e do meio a que pertence, e que esta necessidade tem direitos e deve ser satisfeita (TOLSTÓI, 1988, p. 220).

Considerações finais

Condição indispensável à prática e ao pensamento educacional, a liberdade para Tolstói se apresenta enquanto vivida com alegria e espontaneidade, sem a qual não se educa, mas apenas é forjado o processo de ensino e aprendizagem, em detrimento da gama substancial de influências que o princípio libertário pode favorecer, tanto na formação da personalidade humana como nos destinos da nação.

A escola em Iasnaia Poliana, criada por Tolstói no final da década de 1850, causou estranheza no cenário pedagógico da época, pelo fato de, nela, não haver regras excessivas e punições físicas, além de deixar os alunos estudar quanto e como quisessem. Educar para liberdade era seu norte pedagógico, oferecendo às crianças camponesas uma formação de caráter humanista, em contato direto com a natureza e valorizando suas tradições culturais.

Grande parte do material didático usado na escola foi elaborado pelo próprio Tolstói, em estilo próximo do ritmo da linguagem oral. Um rico e inovador material educativo composto por fábulas, contos folclóricos, descrições de paisagens naturais, adivinhações entre outros assuntos originados das vivências das crianças.

Tolstói, juntamente com os professores da escola, anotava as histórias contadas pelos alunos, que, por sua vez, refletiam o jeito de contar de seus pais e avós camponeses. O material coletado nas aulas, somado aos escritos de autoria de Tolstói, serviu de base para as cartilhas, que posteriormente ajudaram a alfabetizar gerações de crianças e jovens na Rússia. Quando ele morreu, em 1910, cerca de 30 milhões de exemplares das cartilhas já circulavam pelo país. Contos da Nova Cartilha é o resultado desta incursão em publicação brasileira (TOLSTÓI, 2005).

A experiência educativa para Tolstói deve, antes de tudo, considerar a vivência real dos alunos, suas características, interesses e necessidades individuais e coletivas. O professor não deve apoiar-se em um saber livresco, mas sim partir das situações espontâneas e acontecimentos práticos, e a própria pedagogia em sua totalidade deve ter um caráter experimental e processual permanente, além de ser um contínuo questionamento dos saberes constituídos formal ou informalmente.

As relações entre professor e aluno, e entre os alunos, devem ser pautadas somente pelo critério da liberdade, sem punições ou recompensas, sem exames, sem a obrigatoriedade de anotações, fora de toda coação. A ordem deve nascer da dinâmica própria dos procedimentos e métodos educativos, numa atmosfera de estímulo à criatividade.

Tolstói acreditava firmemente que a educação devia ser voluntária, nunca obrigatória. Afirmava também que, contrariamente às ideias dominantes, a educação devia procurar moldar o caráter mediante a autodisciplina. Buscava formas de desenvolver a autonomia das crianças, valorizando a personalidade de cada aluno.

Através de sua biografia, percebem-se as várias facetas deste grande humanista e pacifista. Tolstói foi romancista, ensaísta, dramaturgo e educador. Foi também o criador de uma forma de socialismo inspirado na sua própria interpretação do cristianismo primitivo e nos valores simples da vida camponesa, o que fez com que fosse considerado um anarquista cristão, por suas ideias baseadas no anti-dogmatismo religioso e na rejeição de teorias prontas.

Em seus escritos literários, religiosos e pedagógicos, além da fundamental consideração com a liberdade, com o desenvolvimento humano e com o progresso da nação, há a também a preocupação com a injustiça social, e sua supressão. Denuncia o ambiente hipócrita da época, o atraso econômico e cultural do país e as duras condições de vida dos camponeses. Contudo, suas obras expressam sempre grande fé no futuro e no desenvolvimento da humanidade, assim como suas ações e contribuições educativas demonstram seu respeito pela dignidade humana sob o princípio da liberdade.

Referências

EGOROV, S. F. Idéias pedagógicas de L. N. Tolstói. In: TOLSTÓI, L. N. **Obras Pedagógicas**. Tradução de J. M. Milhazes Pinto. Moscou, URSS: Edições Progresso, 1988.

GÓRKI, Máximo. **Leão Tolstói**. Tradução de Rubens Pereira dos Santos. São Paulo: Perspectiva, 1983.

LUKÁCS, Georg. Tolstói e a extrapolação das formas sociais da vida. In: _____. **A teoria do romance: um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica**. São Paulo: Editora 34, 2000, p. 150-162.

TOLSTÓI, L. N. **Contos da nova cartilha – Primeiro livro de leitura**. Tradução de M. Aparecida B. P. Soares. São Paulo: Ateliê Editorial, 2005.

_____. **Obras Pedagógicas**. Tradução de J. M. Milhazes Pinto. Moscou, URSS: Edições Progresso, 1988.

ZWEIG, Stefan. **O pensamento vivo de Tolstói**. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1961.

Recebido em: setembro/2016

Aprovado em: dezembro/2016